



Comportamento Sexual – Montar ou Cobrir

2ª Parte

Os investigadores estão a começar a interessar-se sobre o comportamento de monta.

Devido ao facto do comportamento canino, nos últimos anos, começar a ser um assunto interessante a ser estudado, os investigadores desta área começam a ter algo a dizer sobre esta temática. Ao explorar qualquer comportamento, podemos recorrer às ideias do famoso Etólogo Niko Tinbergen, Prémio Nobel da Medicina de 1973. As “quatro perguntas” de Tinbergen fornecem uma estrutura confiável para entender porque é que os animais se comportam desta ou daquela maneira. Uma das perguntas de Tinbergen é particularmente adequada: “Como é que um comportamento se desenvolve durante a vida de um indivíduo?” Afinal, os comportamentos não caem do céu, eles desenvolvem-se num cão ao longo da sua vida (ontogenia). Alguns desses comportamentos, como é o caso da monta, tem sido, nalguns casos um tabu, noutros geradores de polémica. O comportamento de “monta” e a diferença entre este acto e o de “cobrir” é o que tem levado os Etólogos, nos últimos tempos, a interessarem-se por estas condutas.

No início dos anos 1970, o etólogo da Universidade do Colorado Marc Bekoff, PhD, começou a investigar o desenvolvimento do comportamento social de alguns canídeos. Bekoff observou as interações de jovens lobos, de três a sete semanas de idade, coiotes e cães. Particularmente entre os jovens cães a monta, o abraço e os movimentos pélvicos apareceram cedo nas brincadeiras e jogos entre eles. Enquanto os machos montavam mais que as fêmeas, elas também se envolviam nalguns aspectos deste tipo de comportamento. O Dr. Sunil Kumar Pal, professor assistente da Escola Katwa Bharati Bhaban, em Bengala Ocidental, Índia, obteve resultados semelhantes ao investigar o comportamento social de cães jovens, tanto domésticos como em liberdade. *“Por volta das seis semanas, cachorros, tanto machos como fêmeas, envolviam-se com frequência em atitudes de monta com os característicos comportamentos de abraço e movimentos pélvicos”.*

“É o que os cães fazem. É um comportamento completamente normal”, explica Carolyn Walsh, PhD, professora assistente de psicologia da Memorial University of Newfoundland, que estuda as nuances do comportamento canino em parques para cães. *“Tanto machos como fêmeas montam, independentemente de estarem sexualmente intactos ou não.”* Celeste Pongrácz, criadora da raça Mudi na Hungria, acha que o comportamento de montar pode mudar com as alterações hormonais. *“De momento, vivemos com sete cadelas, e quando alguma está a entrar ou sair do cio, alguns cães auto mutilam-se, e outros ‘pedem’ para serem humilhados. Estes comportamentos só acontecem quando há, pelo menos uma cadela em cio”.* Estudos efectuados chegaram à conclusão que a castração dos machos pode diminuir o comportamento de monta, mas certamente não a impede. Como se sabe as hormonas são muito importantes nestas condutas, mas não são tudo.

As Complexidades da Monta Canina

De abanar a cauda a latir, o comportamento do cão é cheio de nuances. A cauda a abanar de um cão pode transmitir: “Estou com muito medo” ou “Este é o melhor dia de todos!” Como o abanar da cauda, a monta do cão é muito mais complexa do que parece, e não há uma explicação simples. Mas existem várias prováveis.

Em muitos casos, a monta está relacionada com as emoções, como ansiedade ou excitação (neste contexto, “excitação” significa estímulo geral). Numa investigação recente sobre o



comportamento num parque de cães, Walsh e a sua aluna, Lydia Ottenheimer Carrier, descobriram que os cães mais montados eram os que mais brincavam. Walsh explica: *“Parques para cães podem ser bastante estimulantes e, para aqueles que são altamente estimulados e brincalhões, um comportamento crescente pode facilmente surgir. Pode haver esse tal aumento de motivação social e o desejo de brincadeira que parte dessa energia transborda e pode ser canalizada para a motivação sexual. Vê-se o comportamento sexual a aparecer, mas é principalmente fora de contexto.”*

A excitação ou ansiedade geral de um cão não se restringe ao parque de cães. A estimulação traduz-se facilmente em situações quotidianas: a entrada de uma nova pessoa ou de um novo cão no grupo, ou um cão é fechado em casa o dia todo. *“Um dos meus cães monta os outros quando eu pego nas trelas, ou de outra forma estou a fazer coisas que sinalizam ir a algum lugar”,* diz Duclos.

Dawn Cleary, proprietária da Blue Cerebus Dog Boutique em Madison, Indiana, atribui a monta exibida por um de seus Golden Retrievers à emoção. *“Quando meu campeão de Frisbee agarra o disco, o meu mais novo gosta de ir ao seu encontro. É a única vez que ele tem esse comportamento ... mais ou menos como ele quer partilhar a glória de apanhar o frisbee”.*

Então, por que é que os cães montam?

Peter Borchelt, PhD, e CAB (Certified Applied Animal Behaviorist), em Nova York, lembra-nos: *“Existem vários comportamentos típicos dos cães, e alguns adoptam algumas dessas condutas. É algo que eles estão preparados geneticamente para fazer”.* *“Como para alguns cães as opções são um pouco limitadas, um cão, em vez de ler um livro durante o tempo de inactividade, pode estar inclinado a conhecer um boneco de pelúcia um pouco melhor.”*

Os cães montam para demonstrar dominância?

Que outros significados poderão ter este comportamento? Para alguns proprietários, montar cães equivale a domínio e controle, palavras que sugerem que podemos não querer que o nosso amigo de quatro patas se envolva neste comportamento.

Mas o que é dominância e onde a monta se encaixa? Segundo Carlos Drews, PhD, a dominância não é uma característica, mas sim uma descrição das interações entre dois indivíduos. *“A dominância é um atributo do padrão de interações agonísticas repetidas entre dois indivíduos, caracterizada por um resultado consistente a favor sempre do mesmo membro da dupla e uma resposta padrão do seu oponente, em vez de escalada ... A dominância é uma medida relativa e não absoluta”.* A Sociedade Veterinária Americana de Comportamento Animal define-a como *“uma relação entre animais individuais que é estabelecida por força / agressão e submissão, para determinar quem tem acesso prioritário a vários recursos, como alimentos, pontos de descanso preferidos e parceiros”* (actualmente, o conceito de dominância foi substituído por liderança – Nota do autor).

A monta está associada à dominância? Não necessariamente. Becky Trisko, PhD, behaviorista e proprietária da Unleashed em Evanston, Illinois, estudou as interações entre cães na creche. A monta não estava associada a comportamentos relacionados ao status (“agonísticos”), como agressão e submissão, mas, em vez disso, estava correlacionada com brincadeiras e outros comportamentos de vinculação. Por exemplo, um cão que lambe a boca de outro cão - um comportamento frequentemente associado a “vamos ser amigos”- também o pode montar. Se a monta indicar status ou uma relação de domínio, esperaríamos que os cães que apresentassem este comportamento como padrão fossem também submetidos da mesma forma por outros cães, mas não é isso que os investigadores descobriram. Da mesma forma, um cão provavelmente não está a tentar dominar a cama que acabou de montar.

As várias Motivações por trás da Monta

A monta ocorre em vários contextos e pode ser motivada por muitos comportamentos diferentes. A monta pode ser um comportamento assertivo relacionado a vínculos sociais, em



vez de competição por recursos ou status. Em contextos amigáveis, a monta canina pode ser um comportamento de chamar a atenção para instigar uma interação. Como Trisko explica: *“Entre os parceiros de jogo preferidos (jargão científico para amigos), quase parece ser uma forma de levar o outro a jogar. Um cão pode brincar a latir e tocar com a pata noutro cão. Se o segundo cão não estiver realmente respondendo, a monta geralmente aumentará a chance de chamar a atenção e assim conseguirá que este brinque”*.

Trisko também sugere que a monta entre amigos está associada ao teste de vínculo. *“Essa é a ideia de que os cães realizam comportamentos potencialmente irritantes, como a monta, para testar a força do investimento do destinatário no relacionamento. É como dizer: 'Quanto tempo vai aguentar?' 'gosta realmente de mim?'”*. Nesse contexto, a monta parece desenvolver-se em contextos vinculativos, não agressivos.

Ao mesmo tempo, montar nem sempre está relacionado a amizade. Aimee Moore, CPDT, do Dog's Best Friend Training em Madison, Wisc., Diz: *“Não acho que exista uma explicação simples pois, com cães desconhecidos ou mesmo com os seus tutores, este comportamento pode ser bastante intenso e relacionado ao status”*.

Como Borchelt, que trata de problemas de comportamento há mais de 30 anos, observa: *“Montar pode fazer parte de um conjunto de comportamentos associados à agressão, como uma postura típica de protecção de recursos, olhares directos, ameaças, colocar as patas no peito do tutor. Mas montar, por si só, não indica um problema de status, pode ter outro tipo de significado”*. Ele também acha que pode até ser problemático atribuir o rótulo de "domínio" a um cão que está a montar. *“Se atribui o rótulo de dominante a um cão porque monta, pode pensar que deve-se tomar medidas para que o cão não seja dominante para com o tutor. Isso pode ter consequências negativas para o relacionamento”*.

O que se deve fazer com um cão que monta?

O treino e a comunicação com o tutor do cão podem ajudar um cão com este comportamento a manter interações amigáveis com outros cães e seres humanos. Moore sugere várias técnicas de treino. *“Eu trabalhava obediência para chamar a atenção do meu cão quando ele começava a concentrar-se noutro cão”*. Como a monta costuma ser associada a níveis de excitação, ao trabalhar na modificação deste comportamento, Moore recomenda protocolos de relaxamento, períodos de descanso ou canalizar para um comportamento alternativo. Angela Limburg, de Chicago, Illinois, tenta redireccionar o seu cão. *“O meu cão monta a roupa de cama ... normalmente acontece quando está super excitado. Tentamos redireccioná-lo - normalmente, oferecendo queijo ou biscoitos funciona”*.

Mas, no final das contas, montar ainda é um comportamento complicado de entender e aceitar. *“Montar é um daqueles comportamentos pelos quais todos gostariam de ter uma única resposta”*, explica Borchelt, e Bekoff concorda. *“É complexo, e não queremos dizer que montar é sempre isto ou sempre aquilo. O que estamos a aprender sobre o comportamento animal é que precisamos ter muito cuidado com as generalidades. Os cães nem sempre se cumprimentam farejando a região ano genital e nem sempre circulam antes de se deitar”*.

Não é incomum os tutores dizerem: *“Estou profundamente envergonhado porque o meu cão monta”*. Esses sentimentos são compreensíveis, porque para muitos, os cães não contribuem simplesmente para depositar pêlos nas nossas calças pretas favoritas; eles pertencem às nossas famílias e são os nossos melhores amigos. O que também significa que alguns de nossos melhores amigos são adquiriram este comportamento de montar.

“Acho que o sentimento de vergonha não está bem colocado”, comenta Walsh “dado que a monta é uma parte normal do repertório comportamental de um cão, os proprietários podem eliminar parte do estresse e da ansiedade, se reconhecerem o comportamento de monta no que diz respeito ao seu cão.”



Ao tentar evitar qualquer comportamento, Bekoff recomenda que o tutor se torne um etólogo doméstico. *“Pegue num papel e num lápis, observe e registre o que acontece antes e depois do comportamento. Isto ajuda a perceber mais sobre o próprio comportamento”*. Esta técnica pode ajudá-lo a determinar quando um comportamento precisa ser gerido e quando está bem.

Em suma, quando tentamos descobrir um comportamento, é muito mais importante a observação e compreensão das raízes do comportamento do que pelas histórias que tendemos contar a nós mesmos e aos outros.

Conclusão

Como devemos lidar com este “problema” quando a nossa sociedade não está preparada para aceitar o comportamento de monta como algo que é natural nos canídeos e, em 99,00% dos casos, nada tem a ver com objectivos reprodutivos?

Para ajudar a compreensão deste fenómeno, decidi desenvolver numa primeira parte a componente patológica deste comportamento e que deve ser tratada como uma doença que é, e numa segunda como algo que eles desenvolvem para vinculação social, chamada de atenção, uma forma (como outras) de brincar e interagir, mas também, porque não referi-lo, para assunção de status.

Nesta segunda parte do trabalho de investigação a que me dediquei nos últimos dias, decidi incluir alguns testemunhos de várias entidades de renome na Etologia Canina para nos ajudarem a compreendermos melhor este fenómeno, o que nos permitiu chegar às seguintes conclusões:

- Apesar de a conduta ser idêntica, existe uma grande diferença entre montar (vinculação social) e cobrir (reprodução);
- Só existe monta com objectivos reprodutivos (cobrição) se esta for feita por um macho inteiro direccionada a uma fêmea igualmente inteira, em cio e em período ovulatório;
- Em todos os outros casos: machos com machos, fêmeas com machos, machos com fêmeas inteiras mas fora do período reprodutivo, e em qualquer interacção com animais castrados ou esterilizados, com bonecos, peluches, almofadas, camas, cobertores, etc., outros animais, ou com as pernas ou outra parte do corpo de humanos, este comportamento tem única e exclusivamente objectivos sociais e de lazer;
- Como foi referido, este comportamento não sendo patológico e não tendo objectivos reprodutivos pode aparecer em vários contextos: conduta de vinculação, lazer, estimulação redireccionada, obtenção de status, ansiedade, stress, uma forma, como outra qualquer, de brincar e interagir, etc.;
- Apesar de haver autores que não identifiquem alguns destes comportamentos como aumento ou consolidação de status, não é de excluir esta hipótese uma vez que este acto, todo ele (o abraço, os movimentos pélvicos, o colocar-se sobre o outro, etc.), tem contornos ligados à liderança ou à assunção desta;
- Se o terapeuta não identificou este comportamento como patológico e se o tutor não se preocupa, em contexto social, que o seu cão adopta esta conduta, então recomenda-se que o tutor não dê valor ao comportamento e não se preocupe com o mesmo. Se para o tutor é uma questão social com a qual ele não consegue viver, então o terapeuta deve sugerir ao tutor que este, sempre que se depararem estas condutas, as redireccione para algo que ache mais adequado, através das técnicas de contracondicionamento.